

Sucesso, excitação e a segunda pele¹

Success, excitement and the second skin

Rodrigo Rojas Jerez*

Resumo

Este texto busca elucidar nos caminhos da sociedade chilena atual, o que Winnicott chamou de *Negativo da civilização*. Para isso recorrerei aos conceitos de espaço potencial, de interstícios, desenvolvendo um olhar sobre os traumas políticos da sociedade chilena e como estes são uma marca no que chamo de modos de excitação e de segunda pele.

Palavras-chave: Trauma político. Negativo. Sucesso. Excitação. Violência.

Abstract

This text seeks to elucidate in the ways of current Chilean society, what Winnicott called the Negative of civilization. For this, I will resort to the concepts of potential space, of interstices, developing a view of the political traumas of Chilean society and how these are a mark in what I call the modes of excitement and the second skin.

Keywords: Political trauma. Negative. Success. Arousal. Violence.

¹ Texto publicado originalmente em: ESPINOZA, R.; RIBA, J. (Eds.). *El espacio público de la migración*. Barcelona: Ed. TerraIgnota, 2019.

* Psicanalista, Membro e Professor titular de Apch, Membro e Professor titular Apsan, Membro do Board de Encontros Winnicott, Membro Fundador de Associação Winnicott Chile, Co-Diretor do Comitê de Tradução ao Espanhol das Obras Completas de Winnicott. Chile. rojasjerez@icloud.com

O Estado das coisas

Para começar, quero afirmar que todos nós, no Chile, fomos migrantes e refugiados em suas diversas formas. Costumamos pensar em migrações causadas pela guerra, fome e política. Mas me permito pensar que o Chile é um país de refugiados, e com isso quero ser muito específico, e isso porque sem nos darmos conta pensamos nas migrações como movimentos originados pela força – sem dúvida todo o Chile sabe disso. A força do desaparecimento, da tortura e do exílio é um dos nossos maiores traumas políticos que nos atormentam nos últimos 50 anos, um exílio que nos obriga a deixar nossa terra, exílio que nos obriga a ignorar nossa terra, já forçada em suas paisagens geográficas e humanas, transformadas em cemitério a céu aberto. Os corpos dos nossos desaparecidos encontram em nossas paisagens seu último lugar de descanso. Exílio que nos obriga a ignorar nossos pensamentos por medo do desaparecimento, da prisão. Nosso país é um país de refugiados, com isso quero dizer que somos um país de refugiados e estrangeiros em sua própria terra, fomos expulsos em nossa própria pátria. Uma geografia que, sendo própria, deixa de sê-lo, pois nela jazem os próprios, os nossos mortos anônimos nas nossas cordilheiras, desertos, mares, vales e lagos. Nossa geografia, nosso ambiente, tornou-se estranho, constrangido e fantasmagórico, nossos cemitérios são nossa vida cotidiana. Sua beleza é a beleza de um enlutado, da face da morte. Somos estrangeiros, temos um passaporte que não consegue indicar nossa origem, mas parece apontar para uma cesura, uma imigração errante, em busca de seu sentido, em sua fome de vida, mas ao mesmo tempo uma alma dividida pelo trauma e pela violência da negação de sua nação, uma nação de sujeitos que compartilham seu passaporte, mas que são apagados pela força da perversão. Ao trauma da ditadura no Chile, devemos acrescentar tudo o que diz respeito à estrutura política e social do Estado-nação onde nosso Estado se tornou sinônimo de uma nação única e fictícia, negando nossa plurinacionalidade, que emergiu fortemente em nosso processo em busca de uma nova. Nossa relação de diversidade tem sido atacada como indigenista, em que os povos originários serão “cidadãos de primeira classe”, considerar que nossa diversidade de nações inclua os povos originários seria fragmentar o país, os constituintes dos povos originários foram acusados de serem ignorantes, a chefe de protocolo da transmissão de mando ao governo de Boric, que é de origem Rapa Nui, e que se apresentou em seus trajes tradicionais para o referido evento, foi apontada como sofrendo de sede de protagonismo, estando vestida como uma avestruz. Enfim, a lista é enorme.

Estamos testemunhando em nossa terra o que Winnicott chamou de *Negativo da civilização e Negativo das relações*.

Dos modos do Sucesso e o Negativo do con-tato

O conceito Negativo da civilização interessa-me particularmente, pois permite-me pensar na nossa forma de nos relacionarmos, no nosso cotidiano atual, dominado pelo “sucesso do modelo econômico”, modelo econômico baseado nas Sociedades Anônimas, onde a responsabilidade é anônima. Parece que cada vez mais a sociedade gostaria de silenciar a existência, o anonimato corrói nossa resposta à extrema vulnerabilidade do sujeito, o anonimato é o anonimato de nossa responsabilidade, o anonimato na resposta, em nossa ética. Lévinas aponta que a ética, que essa responsabilidade, é o reverso incontornável da RESPOSTA diante dos vulneráveis e dos vulnerados. O lugar da resposta, no qual o sujeito é articulado, seria definido pela insubstituibilidade do sujeito na resposta, ou seja, diante da vulnerabilidade do outro, eu como sujeito, minha resposta é insubstituível, não tenho escolha. Mas o pensamento do filósofo ilumina ainda mais, não é apenas o vulnerado que está em risco com o ANONIMATO DA RESPONSABILIDADE, mas também a estrutura do sujeito, daquele que acredita que escapa da resposta. Refiro-me àquele que acredita que está escapando, visto que nessa fuga o sujeito perde seu lugar entre os sujeitos, poderíamos dizer que ele se despoja de si mesmo, se desumaniza. Mas tenho que deixar claro que Responsabilidade Anônima não significa irresponsabilidade, pois pelo menos a irresponsabilidade é uma resposta específica ao chamado e apelo da vulnerabilidade do Outro. A irresponsabilidade já é uma resposta! Assim, o anonimato em nossas sociedades é a negativa a uma resposta, ou seja, nos encontramos com uma sociedade despojada, negativizada em sua estrutura ética. O sucesso do modelo, um modelo construído a partir do exercício da violência política em sua origem, de semear o anonimato de nossos mortos, de semear uma sociedade anônima em seu modelo econômico bem-sucedido, que finalmente nos deixa estrangeiros em nossa própria terra, sucesso que nos deixa despojados de nossa subjetividade, de nossa possibilidade de intimidade. O sucesso na lógica do nosso modelo capitalista se instala na base do despojamento de qualquer possibilidade de responsabilidade ética, espoliando todo lugar aos sujeitos e, portanto, o espaço para a intimidade, o Nós no con-tato.

Dos interstícios, o Nós no con-tato

Difícil caminhar pelos nossos lugares, pelas nossas ruas, pelos nossos encontros e desencontros. Em 2016, defendia a ideia de interstícios em nossa cultura a partir de ideias de espaço potencial de Winnicott a partir da psicanálise e de Jean Luc Nancy a partir da filosofia.

Vou ter que dizer algumas palavras para explicar minha ideia, e para isso é inevitável pensar e repensar a obra de Winnicott no território de um terceiro espaço que ele chamou de *Espaço Potencial*. O autor definirá o espaço potencial como aquele espaço da experiência humana que emerge a partir e do território da atividade erótica e autoerótica no desenvolvimento humano. Assim, os fenômenos transicionais emergem como uma zona periférica, adjacente, ou melhor, como epifenômeno da descarga que o encontro dos corpos do sujeito e do outro demanda; e onde o símbolo emergente é o resultado do emergente derivado do próprio encontro. O referido território potencial abre-se como um campo periférico, mas que se abre a partir da gratificação e define-se como um espaço único de possibilidade para a experiência do sujeito humano. Isso se articula a partir do território da própria materialidade, do encontro dos corpos do bebê com a mãe, que se gratifica na presença, espaço que Winnicott apontou como “o lugar em que vivemos”.

Esse espaço se caracteriza, na opinião do escritor, por dois traços: como lugar privilegiado para a construção da experiência como possibilidade humana, sustenta-se no caráter simbólico de seus objetos, enfim objetos de cultura; e o segundo traço é que esse território é definido por Winnicott como o território dos sujeitos humanos, em que suas “áreas do brincar” se sobrepõem no que chamaríamos de encontro intersubjetivo, em minha opinião, o Nós. Dessa forma, Winnicott propõe que tal espaço seria definido por seu caráter de potencialidade no sentido de potencial como possibilidade de experiência aberta à significação e potencial em seu caráter de estar ou não presente. Sua ausência é rompida em um espaço concreto, vazio, desprovido de experiência, cheio do que ele chamaria de mobiliário da existência, ou melhor, o que o autor chama de “o negativo da cultura”, o negativo da experiência.

É impressionante porque os fenômenos transicionais são sustentados pela pulsão, mas é justamente aquilo que surge para além do registro ou território da pulsão o que ultrapassa a pulsão e que é seu excesso, que em seu ser presente excede a representação, como chamamos o con-tato dos corpos que se abrem no interstício e se torna espaço potencial.

A insistência pulsante no encontro dos corpos, e dos indivíduos, vai nos levar à insistência nas bordas da pele, o contato, o Nós que a ideia de interstícios como este “lugar onde vivemos” implica, mas aqui deseja-se observar a partir das bordas, esse território que chamo de intersticial, e que desde a biologia o conhecemos como aquilo que nos conecta, que comunica célula a célula até comunidade que chamamos de órgão e finalmente corpo. Essa borda, esse limite que não é como as fronteiras dos mapas geopolíticos, mas como aquela área que tem vida própria, tem natureza própria. Os modos do interstício são como as praças e ruas da cidade que constituem espaços urbanos e espaços de cidadania, modos de interstício que talvez sejam como aeroportos, pontos de encontro, perenes no acotovelar-se das nacionalidades, mas na precariedade de suas impermanências, em sua qualidade democrática do encontro, em sua extraterritorialidade de todas as nações, porta aberta a todas as nações. A palavra mutualidade é necessária na medida em que não é troca, nem interação, não é comércio em nenhuma de suas dimensões, mas pertence ao território da ressonância, do soar em contato dos corpos, dos seres, do Nós. É curioso que a palavra nós seja escrita tão raramente dentro da psicanálise. O Nós nos aproxima da ideia de intimidade, que se mostra em sua precariedade, em sua fragilidade, nada de materialidade fixa, mas à qual pertencem todas as materialidades humanas possíveis. A palavra intimidade que surge do contato (NANCY, 2000, 2006) dos corpos e que eclode na borda dos corpos que chamamos de pele, e que se abre em um espaço infinito, não tem ressonância geopolítica nem mapas que a descrevam, mas ressoa na cidadania dos sujeitos, a partir de sua experiência. Intimidade que é exposição aos interstícios do contato dos corpos, que é presença e presente, que é exposição aos interstícios carentes de qualquer representabilidade e representação que, no entanto, é fonte de experiência e significação, de construção e reconstrução do tecido de sujeitos em relação.

O outro se toca, me toca, o outro se expõe e me expõe, não somente como conhecemos no sentido da geopolítica dos corpos ou das identificações e projeções, mas é especialmente exposição na insistência do psiquismo em sua existência extensa, não separado do mundo, construído como uma dança de amantes numa abertura à intimidade. É particularmente interessante que a palavra intimidade tenha esse duplo emprego de não separado da sexualidade e de zona reservada à pessoa e sua ligação com o outro, assim excitação e experiência correm juntas na lâmina afiada de uma faca. Espaço infinito é a intimidade que se abre como uma geografia humana sem geopolítica, fluida, não dividida, território de todos os Sencientes e ao mesmo tempo de ninguém,

numa reviravolta de corpos que se excedem de si mesmos, de toda representação, de toda pulsão e que é o sonho dos corpos. Sonhos que são comuns, mas próprios, sozinhos, mas nunca solitários nem menos isolados, pois exigem da pele do con-tato com o outro, da virada do corpo para outro, em um tempo que é presença em seu verbo presente.

Da maneira como Winnicott generosamente nos traz à psicanálise, o ser humano está nos braços de outro ser humano. O outro se toca, o outro se expõe e me expõe, não só como conhecemos no sentido da geopolítica dos corpos ou das identificações e projeções, mas é especialmente exposição na insistência da Psique em sua existência extensa, não separada do mundo, a Psique estaria no contato do ser humano nos braços de outro ser humano.

O Negativo da Experiência e a Excitação

Entendendo nossos interstícios sociais como espaços potenciais dos sujeitos humanos, temos que nos perguntar como estamos habitando esses espaços no Chile. Então, como é o nosso espaço desprovido de espaços humanos? O que esses interstícios se tornam, se não são mais espaços onde o humano se faz emergente e emergência. Bem, talvez como na biologia os interstícios sustentem a própria vida, o que está em risco é a própria vida.

Na psicanálise, desde o próprio Freud conhecemos pelo menos duas variedades de Angústia, o que ele chamou de Angústia Sinal, ousou dizer que é a angústia própria do existente, ou seja, do sujeito que, nas palavras de Winnicott, tornou-se um especialista em sua existência, enfrentando as dificuldades humanas de estar habitando sua própria existência, mas com toda uma organização psíquica que sustenta tal experiência.

A outra variedade de Angústia descrita por Freud é a Angústia Automática ou Angústia Traumática, esta se caracterizaria justamente pela natureza do trauma como uma devastação do mundo representacional e, portanto, de um sujeito devastado e lançado nos devires da impossibilidade psíquica. Nisso, Winnicott foi muito claro ao ligá-lo ao que chamou de Angústia Impensável ou Angústia de Aniquilação e que se relaciona diretamente com o Trema Esquizofrênico², onde é a própria existência que está em risco e onde o Existente

² A ideia de trema provém da psiquiatria alemã (Klaus Conrad) que consiste em que nas primeiras fases do processo psicótico esquizofrênico, o paciente tem a vivência de estranheza radical, na qual sente que o mundo (tanto interno como externo) desmorona (a palavra Trema, poderia ser traduzida como *terremoto*) sendo uma experiência extremamente angustiante, anterior a todo

não é possível. Não é um lugar, mas é o lugar do Não-lugar, da Não-experiência, da ausência radical do sujeito, tanto nos outros quanto em nós mesmos; como indiquei acima, é o lugar da Impossibilidade Psíquica.

Mas como podemos visualizar os modos da existência que são substituídos pelo Modelo ou Modo do Sucesso. De acordo com minha experiência, permito-me afirmar que o que na psicose seria uma Neo-Realidade (MCDOUGALL) como defesa contra a impossibilidade do psiquismo, em nossa sociedade nos é oferecida a Excitação como defesa ante o anonimato, a desapropriação do humano e dos sujeitos humanos. Aqui devo estar particularmente atento para não dar a impressão de simplificar demais: a Excitação não está em questão como um modo da biologia, nem como modos de prazer e gozo, nem a excitação proporcionada pela agressão como tonalidades da profundidade psíquica nem suas enormes complexidades.

Com Excitação no território da *negativização da civilização*, refiro-me ao fenômeno que acabamos de descrever, mas que é desprovido de realização psíquica. Ou seja, a Excitação utilizada como substituto defensivo da impossibilidade da existência psíquica em sua devastação pelo traumático. Temos então uma construção defensiva que em si mesma se despoja de humanidade e despoja a condição de humanidade que é a vulnerabilidade do Outro e de si mesmo. Nesse sentido, poderíamos dizer que a Excitação como defesa é, um substituto da vida e da morte, em última instância como substituto do Existente e se oferece como um Modo de Não-existência que nega o emergente psíquico, que desmente o traumático, e onde o Anonimato Psíquico torna-se um fato. Gostaria de chamá-lo de “Negativo do Sujeito”: com isso quero levantar a ideia do resto que permanece uma vez que o sujeito é despojado. Dito em termos de pragmatismo clínico, a Excitação é usada como uma forma de abordar o que seria sentir-se vivo e real, como uma espécie de substituto da própria vida e de sua pulsação. O Sujeito torna-se identidade e identificação na Excitação, selando sua impossibilidade na existência do existente e do senciante.

Na prática observamos o que se convencionou chamar de clínica das bordas, ou seja, o espaço dos interstícios que desapareceram e onde permanecem apenas as estruturas que limitam a concretude dos espaços, suas bordas. A desapropriação aparece, deixando o resto, que é a materialidade com que se

sintoma de restauração, em que se pode observar a crueza e a intensidade da imanente vivência psicótica, impossível de ser representada, ou simbolizada.

constrói, mas que se torna apenas uma borda, uma parede, uma pele. Assim, a pele pareceria transmutar-se nos vestígios arqueológicos das fronteiras da intimidade. Nesse território do Negativo, os caminhos da excitação são percorridos, mas não alcançam a carta de cidadania de seus sujeitos. Excitação é um sentimento Sem Sencientes.

Parece-me que quando em nossa sociedade falamos de migração e refugiados, finalmente vemos no outro que é migrante de outra nação, de outro território, de outra pele, essa pele do outro surge como a oportunidade para a precariedade da experiência do con-tato e, portanto, para a emergência dos sujeitos. Porém, no Modo do Sucesso, a pele do outro é, na minha opinião, a segunda pele, uma borda. Em outras palavras, uma pele sem sujeito, uma pele despojada do outro, uma pele como uma membrana de Excitação, de terminação e do terminado, uma segunda pele para o ataque e a exploração. O outro deixa de ser um sujeito, porque no Modo do Sucesso não há sujeitos, há apenas excitação; o outro é reduzido à pele de excitação, assim como à perplexidade, ameaça e indiferença, à Xenofobia. Segunda pele que é apaziguada, poltrona a apagar porque em si mesma se expõe e nos expõe à nossa própria condição de Vulnerabilidade, o “*Hilflosigkeit*” [desamparo] freudiano. Ninguém se refugia se não for por sua própria urgência humana, que perigo maior que sua própria vulnerabilidade para uma sociedade baseada no sucesso! O outro em sua segunda pele se transmuta em uma ameaça que pode ter conotações paranoides, mas acima de tudo é uma ameaça ao apelar para nossa estruturação no modo do sucesso. Que ameaça maior para uma sociedade e um Estado insuflado em seus números de sucesso do que o retorno – não do reprimido, como apontou Freud – mas o retorno como insistência daquela potencialidade do rosto do outro, de sua nudez, da extrema vulnerabilidade humana. Segunda pele que é violenta por sua presença para o modo do sucesso, em que só há espaço para a excitação despojada de toda possibilidade humana. A excitação neste modo reduz a Comércio entre as fronteiras da pele, comércio que não é a Ágora, não é uma praça pública, mas um mero saldo contábil, caixa cobradora-pagadora. Segunda pele que nos mostra a nosso modo, um país que já não fala da Nação, nem dos seus povos, mas a substituiu pelo PIB, substituiu a experiência humana pelo Valor Agregado. Somos refugiados do nosso sucesso.

É por isso que, a meu ver, somos lançados no que Winnicott chamou de Negativo da Cultura, como um espaço onde só resta uma cesura entre os indivíduos, uma cesura que se baseia na negativização do sujeito e do humano, finalmente usando as palavras de Winnicott, a negativização do “sentir-

-se real e vivo”, segundo isso vivemos em um mundo de indivíduos adaptados e à beira da impossibilidade de sentir seja a vida ou a morte – a negatização da cultura.

Tramitação

Recebido 09/09/2022

Aprovado 22/09/2022

Referências

FREUD, S. (1941[1938]). *Conclusiones, ideas, problemas*. Buenos Aires: Editorial Amorrortu, 1976. (Obras completas, 23).

NANCY, J-L. (2000). *Corpus*. Madrid: Arena Libros, 2003.

_____. *58 indicios sobre el cuerpo. Extensión del Alma*. Buenos Aires: Edições La Cebra, 2006.

_____. (2011). *La ciudad a lo lejos*. Buenos Aires: Ed. Manantial, 2013.

RODMAN, R. *El gesto espontáneo*. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1990.

ROJAS, R. El lugar en que vivimos, cultura socialización y falso self. *Rev Chilena de Psicoanálisis*, APCH, v. 22(2), p. 108-121, 2005.

_____. El exceso y la diferencia de los cuerpos, consideraciones hacia una conceptualización de la sexualidad adulta. In: _____. *Sexo y psicoanálisis: una mirada a la intimidad adulta*. Santiago: Pólvora Editorial, 2016.

WINNICOTT, D. Ego integration. In: _____. *The maturational processes and the facilitating environment*. Londres: Karnac Editores, 1962.

_____. On the basis for self in body. In: _____. *Psychoanalytic explorations*. Londres: Editorial Karnac, 1970.

_____. *Playing and reality*. Londres: Ed. Routledge, 1971.

_____. *Babies and their mothers*. London: Ed. Free Association Books, 1987.

Éxito, excitación y la segunda piel¹

Rodrigo Rojas*

El Estado de las cosas

Para comenzar quiero plantear que todos, en Chile, hemos sido migrantes y refugiados en sus diversas formas. Solemos pensar en migraciones causadas por la guerra, las hambrunas, y las políticas. Pero me permito pensar que Chile es un país de refugiados, y con esto quiero ser bien específico y es que sin darnos cuenta pensamos en las migraciones como movimientos originados por la fuerza, sin duda Chile entero sabe de esto. La fuerza de la desaparición, de la tortura y del exilio es uno de nuestros mayores traumas políticos que nos atraviesa los últimos 50 años, exilio que nos fuerza a dejar nuestra tierra, exilio que nos obliga de desconocer nuestra tierra, ya forzada en sus parajes geográficos y humanos transformada en un cementerio a cielo abierto. Los cuerpos de nuestros desaparecidos encuentran en nuestros parajes su última morada. Exilio que nos fuerza a desconocer nuestros pensamientos por temor a la desaparición, a la detención. Nuestro país es un país de refugiados, con esto me quiero referir a que somos un país de refugiados y extraños en su propia tierra, hemos sido expulsados en nuestro propio terruño. Una geografía que, siendo propia, deja de serlo, ya que en ella yacen los propios, nuestros muertos anónimos en nuestras cordilleras, desiertos, mares, valles y lagos. Nuestra geografía, nuestro ambiente pasó a ser extraño, constreñido y fantasmático, nuestros cementerios son nuestra cotidianeidad. Su belleza, es la belleza de un deudo, del rostro de la muerte. Somos extranjeros, tenemos un pasaporte que no alcanza a señalar nuestro origen, sino que más bien parece señalar una cesura, una extranjería errante, en búsqueda de su sentido, en su hambre por su vida pero al mismo tiempo un alma dividida

¹ Publicado em: ESPINOZA, R. & RIBA, J. (Eds.). *El espacio público de la migración*. Barcelona: Ed TerraIgnota, 2019.

* Psicanalista, Membro e Professor titular de Apch, Membro e Professor titular Apsan, Membro do Board de Encontros Winnicott, Membro Fundador de Associação Winnicott Chile, Co-Diretor do Comitê de Tradução ao Espanhol das Obras Completas de Winnicott. Chile. rojasjerez@icloud.com

por el trauma y la violencia de la desmentida de su nación, nación de sujetos que comparten su pasaporte pero que son borrados por la fuerza de la perversión. Al trauma de la dictadura en Chile, debemos agregar todo lo relativo a la estructura política y social del estado-nación donde se ha hecho sinónimo de nuestro estado a una sola nación, ficticia, negando nuestra plurinacionalidad, que ha emergido con fuerza en nuestro proceso por una nueva. Nuestra relación de diversidad se ha visto atacada como siendo indigenista, que los pueblos originarios serán “ciudadanos de primera clase”, considerar nuestra diversidad de naciones que incluyan a los pueblos originarios sería fragmentar al país, a los constituyentes de los pueblos originarios se les ha sindicado de ignorantes, a la jefa de protocolo del traspaso de mando del gobierno de Boric que es de origen Rapa Nui y que se vistió con sus trajes tradicionales para dicho evento se le señaló como sufriendo de sed de protagonismo, estar vestida como una avestruz, en fin la lista es enorme.

Asistimos en nuestra tierra a lo que Winnicott llamó el *Negativo de la civilización y el Negativo de las relaciones*.

De los modos del Éxito y el Negativo del con-tacto

El concepto Negativo de la civilización me es de particular interés, ya que me permite pensar en nuestro modo de relacionarnos, en nuestro cotidiano actual, como dominado por el “éxito del modelo económico” modelo económico basado en las Sociedades Anónimas, donde la responsabilidad es anónima. Pareciera que una y otra vez la sociedad quisiera acallar la existencia, el anonimato corroe nuestra respuesta a la vulnerabilidad extrema del sujeto, el anonimato es el anonimato de nuestra responsabilidad, el anonimato en la respuesta, en nuestra ética. Lévinas señala que la ética, que la responsabilidad, es la contra-cara ineludible de la RESPUESTA frente al vulnerable y el vulnerado. El lugar de la respuesta, en la que se articula el sujeto, estaría definida por la insustituibilidad del sujeto en la respuesta, es decir frente a la vulnerabilidad del otro, yo como sujeto, mi respuesta es insustituible, no tengo opción. Pero el pensamiento del filósofo ilumina más allá, no es sólo el vulnerado el que se encuentra en riesgo con el ANONIMATO DE LA RESPONSABILIDAD, sino que la estructura del sujeto, de aquel quién cree que escabulle la respuesta. Digo de aquel quién cree que escabulle, dado que en dicha fuga el sujeto pierde su lugar entre los sujetos, podríamos decir queda despojado de si, se deshumaniza. Pero tengo que ser claro que Responsabilidad Anónima no quiere decir

irresponsabilidad, ya que al menos la irresponsabilidad es una respuesta específica al llamado y a la apelación de la vulnerabilidad del Otro. ¡¡La Irresponsabilidad ya es una respuesta! Entonces el Anonimato en nuestra Sociedades es la negativa a una respuesta, esto es que nos encontramos con una sociedad despojada, negativizada en su estructura ética. El éxito del modelo, modelo construido a partir del ejercicio de la violencia política en su origen, de sembrar el anonimato de nuestros muertos, de sembramos de una sociedad anónima en su exitoso modelo económico, que finalmente que nos deja extranjeros en nuestra propia tierra, éxito que nos deja despojados de nuestra subjetividad, de nuestra posibilidad de intimidad. El éxito en la lógica de nuestro modelo capitalista se instala sobre la base de despojar toda posibilidad de responsabilidad ética, despojando todo lugar de los sujetos y por ende del espacio para la intimidad. El Nosotros en el con-tacto.

De los intersticios, el Nosotros en el con-tacto

Difícil andar por nuestros parajes, por nuestras calles, por nuestros encuentros y desencuentros. En el 2016, planteaba la idea de intersticios de nuestra cultura a partir de ideas de espacio potencial de Winnicott desde el psicoanálisis y de Jean Luc Nancy desde la filosofía.

Voy a tener que decir algunas palabras que expliquen mi idea, y para esto es inevitable pensar y re-pensar el trabajo de Winnicott en el territorio de un tercer espacio que él llamó Espacio Potencial. El autor va a definir el espacio potencial como aquel espacio de la experiencia humana que emerge a partir y desde el territorio de la actividad erótica y autoerótica en el desarrollo humano. Así, los fenómenos transicionales emergen como una zona periférica, aleadaña, más bien como un epifenómeno de la descarga que demanda el encuentro de los cuerpos del sujeto y el otro; y donde el símbolo emergente es el resultado del emergente derivado del mismo encuentro. Dicho territorio potencial se abre como un campo periférico pero a partir de la gratificación y es definido como un espacio único de posibilidad para la experiencia del sujeto humano. Esto se articula desde el territorio de la propia materialidad, del encuentro de los cuerpos del bebé con la madre, que en presencia se gratifica, este espacio Winnicott señaló como “el lugar en que vivimos”.

Este espacio se caracteriza, a juicio de quien escribe, por dos rasgos: como el lugar privilegiado para la construcción de la experiencia como posibilidad humana se sostiene sobre el carácter simbólico de sus objetos, finalmente ob-

jetos de la cultura; y el segundo rasgo es que dicho territorio queda definido por Winnicott como el territorio de los sujetos humanos, en el que se superponen sus “áreas de juego” en lo que llamaríamos un encuentro intersubjetivo, a mi juicio el nosotros. De este modo, Winnicott va planteando que dicho espacio se definiría por su carácter de potencial en el sentido de potencia como posibilidad de experiencia abierta a la significación y de potencia en su carácter de presente o no. Su ausencia se trastoca en un espacio concreto, vacío, carente de experiencia lleno de lo que llamaría el mobiliario de la existencia, o más bien dicho como lo que el autor llama “el negativo de la cultura”, el negativo de la experiencia.

Resulta llamativo ya que los fenómenos transicionales se apuntalan en la pulsión, pero es justamente aquello que surge en el más allá del registro o territorio de la pulsión lo que excede a la pulsión y que es su exceso, que en su ser presente se excede la representación, como llamamos al con-tacto de los cuerpos que se abren en el intersticio y se hace espacio potencial.

La insistencia pulsante en el encuentro de los cuerpos, y de los individuos, va a llevarnos a la insistencia en los bordes de la piel, el contacto, el Nosotros que implica la idea de intersticios como este “lugar en que vivimos”, pero aquí se quiere observar desde los bordes, ese territorio que llamo intersticial, y que desde la biología lo conocemos como aquello que nos liga, que comunica célula con célula hasta la comunidad que llamamos órgano y finalmente cuerpo. Ese borde, ese límite que no es cómo las fronteras de los mapas geopolíticos sino cómo esa zona que tiene vida propia, tiene su naturaleza propia. Los modos del intersticio son como las plazas y calles de la ciudad que constituyen espacios urbanos y espacios de ciudadanía, modo de intersticio que son quizás como los aeropuertos, territorios de encuentro, perenne en su codo a codo de las nacionalidades, pero en la precariedad de su impermanencia, en su calidad democrática del encuentro, en su extraterritorialidad de todas las naciones, puerta a todas las naciones. La palabra mutualidad es necesaria en tanto no es intercambio, ni interacción, no es comercio en ninguna de sus dimensiones, sino que pertenece al territorio de la resonancia, del sonar en contacto de los cuerpos, de los seres, del Nosotros. Es curioso que la palabra nosotros se escriba tan escasas veces dentro del psicoanálisis. Nosotros nos acerca a la idea de intimidad, que se muestra en su precariedad, en su fragilidad, nada de materialidad fija, pero a la que pertenecen todas las materialidades humanas posibles. La palabra intimidad que surge del con-tacto (NANCY, 2000, 2006) de los cuerpos y que se eclosiona en el borde de los cuerpos que llamamos piel, y que se abre en un espacio infinito no tiene resonancia geopolítica ni mapas que lo dibujen, pero

resuena en la ciudadanía de los sujetos, de su experiencia. Intimidad que es exposición en los intersticios del contacto de los cuerpos que es presencia y presente, que es exposición a los intersticios carentes de toda representabilidad y representación que sin embargo es fuente de experiencia y significación, de construcción y reconstrucción del tejido de sujetos en relación.

El otro se toca, me toca, el otro se expone y me expone, no sólo como hemos conocido en el sentido de la geopolítica de los cuerpos o de las identificaciones y proyecciones, sino que es sobre todo exposición en la insistencia de la psique en su existencia extensa, indivisa del mundo construido como una danza de amantes en una apertura a la intimidad. Es particularmente interesante que la palabra intimidad tenga este doble uso indiviso de sexualidad y de zona reservada a la persona y su lazo con el otro, así excitación y experiencia corren juntos sobre la afilada hoja de un cuchillo. Infinito espacio es la intimidad que se abre como una geografía humana sin geopolítica, fluida, indivisa, territorio de todo Sintiente y a la vez de nadie, en un volcamiento de los cuerpos que se exceden de sí, de toda representación, de toda pulsión y que es el sueño de los cuerpos. Sueños que son comunes pero propios, solos, pero nunca solitarios ni menos aislados ya que requieren de la piel del con-tacto con el otro, del volcamiento del cuerpo a otro, en un tiempo que es presencia en su verbo presente. Al modo que Winnicott nos trae generosamente al psicoanálisis, el ser humano es en brazos de otro ser humano. El otro se toca, el otro se expone y me expone, no sólo como hemos conocido en el sentido de la geopolítica de los cuerpos o de las identificaciones y proyecciones, sino que es sobre todo exposición en la insistencia de la Psyche en su existencia extensa, indivisa del mundo, la Psyche sería en el contacto del ser humano en brazos de otro ser humano.

El Negativo de la Experiencia y la Excitación

Entendido nuestros Intersticios sociales como potenciales espacios de los sujetos humanos, tenemos que preguntarnos acerca de cómo estamos habitando dichos espacios en Chile. Entonces ¿cómo es nuestro espacio desprovisto de espacios humanos?, en qué devienen dichos intersticios si ya no son espacios donde lo humano se hace emergente y emergencia. Bueno quizás como en la biología los intersticios sostienen la vida misma, lo que se encuentra en riesgo es la vida misma.

En psicoanálisis, desde el mismo Freud sabemos al menos de dos variedades de la Angustia, lo que él llamó Angustia Señal me atrevería a decir que es

la angustia propia del existente, es decir del sujeto que en palabras de Winnicott ha devenido un experto de su existencia, enfrentando las dificultades humanas de estar habitando su propia existencia, pero con toda una organización psíquica que le sostener dicha experiencia. .

La otra variedad de la Angustia descrita por Freud es la Angustia Automática o Angustia Traumática, esta se caracterizaría justamente por la naturaleza del trauma como un arrasamiento del mundo representacional, y por lo tanto de un sujeto arrasado y arrojado a los devenires de la imposibilidad psíquica. Esto Winnicott fue muy claro en ligarlo a lo que él llamó Angustia Impensable o Angustias de Aniquilamiento y que relaciona directamente con el Trema Esquizofrénico², donde es la existencia misma la que se encuentra en riesgo y donde no es posible el Existente. No es un lugar, más bien es el lugar del No-lugar, de la No-experiencia, de la ausencia radical del sujeto, tanto en otros como en uno, como señale líneas arriba es el lugar de la Imposibilidad Psíquica.

Pero cómo podemos visualizar los modos de la existencia que son sustituidos por el Modelo o Modo del Éxito. De acuerdo a mi experiencia me permito plantear que lo que en la psicosis sería una Neo-Realidad (MC DOUGALL) como una defensa frente a la imposibilidad de la psique, en nuestra sociedad se nos ofrece la Excitación como defensa frente al anonimato, al despojo de lo humano y de los sujetos humanos. Aquí debo ser particularmente agudo en no dar la impresión de sobre simplificar, la Excitación ni como modo de la biología, ni como modos del placer y del disfrute están en cuestión, ni tampoco la excitación que provee la agresión como tonos de la profundidad psíquica ni sus enormes complejidades. .

Con Excitación en el territorio de la Negativización de la Civilización, me refiero al fenómeno recién descrito, pero que se encuentra desprovisto de realización psíquica. Es decir la Excitación usada como sustituto defensivo de la imposibilidad de la existencia psíquica en su arrasamiento por lo traumático. Tenemos entonces una construcción defensiva que en sí misma se despoja de humanidad y despoja la condición de humanidad que es la vulnerabilidad del Otro y la propia. En este sentido podríamos decir que la Excitación es como defensa un sustituto de la vida y de la muerte, en definitiva

² La idea de trema proviene de la psiquiatría alemana (Klaus Conrad) que consiste que en las primera fase del proceso psicótico esquizofrénico, el paciente tiene la vivencia de extrañeza radical, donde siente que el mundo (tanto interno como externo) se derrumba (la palabra Trema, podría traducirse como terremoto) siendo una experiencia extremadamente angustiante, previa a todo síntoma restitutivo, donde se puede observar la crudeza y la intensidad de la inmanente vivencia psicótica, imposible de ser representada, ni simbolizada.

como un sustituto del Existente y se ofrece como un Modo de la No-existencia que niega el emergente psíquico, que desmiente lo traumático, y donde el Anonimato Psíquico se constituye en hecho. Me gustaría llamarlo el “Negativo del Sujeto”: con esto quiero plantear la idea del resto que queda una vez despojado el sujeto. Dicho en términos de un pragmatismo clínico la Excitación es usada como un modo de acercarse a lo que sería el sentirse vivo y real, como una especie de sucedáneo de la propia vida y su pulsar. El Sujeto se hace identidad e identificación en la Excitación, sellando su imposibilidad en la existencia del existente y del sintiente.

En la práctica observamos lo que se ha llamado clínica de los bordes, es decir el espacio de los intersticios han desaparecido y donde sólo quedan las estructuras que limitan la concreción de los espacios, sus bordes. Comparece el despojo quedando el resto, que es la materialidad con que se construye pero que sólo deviene borde, pared, piel. Así la piel pareciera transmutarse en los restos arqueológicos de las fronteras de la intimidad. En este territorio de lo Negativo se recorren los caminos de la excitación pero que no logran la carta de ciudadanía de sus sujetos. Excitación, es un sentir Sin Sintientes.

Me parece que cuando hablamos en nuestra sociedad de migración y refugiados, finalmente vemos en el otro que es migrante de otra nación, de otro territorio, de otra piel, dicha piel del otro emerge como la oportunidad para la precariedad de la experiencia del contacto (NANCY) y por lo tanto para la emergencia de los sujetos. Sin embargo, en el Modo del Éxito, la piel del otro es, a mi juicio, la segunda piel, un borde. Es decir una piel sin sujeto, una piel despojada el otro, una piel como una membrana de la Excitación, del acabar y lo acabado, una segunda piel para el ataque y para la explotación. El otro deja de ser sujeto, por qué desde el Modo del Éxito no hay sujetos, sólo hay excitación, el otro se reduce a la piel de excitación así como al desconcierto, amenaza e indiferencia, a la Xenofobia. Segunda piel que es aplacada, butaca ser borrada porque en si misma expone y nos expone a nuestra propia condición de Vulnerabilidad, la “*hilflosigkeit*” freudiana. Nadie se refugia si no es por su propia urgencia humana, qué mayor peligro que la propia vulnerabilidad para una sociedad basada en el éxito! El otro en su segunda piel se transmuta en amenaza que puede tener tintes paranoides, pero que sobre todo es amenaza en el apelar a nuestra estructuración en el modo del éxito. Qué mayor amenaza para una sociedad y un estado insuflado en sus números de éxito que el retorno -no de lo reprimido como señaló Freud-, sino el retorno como insistencia de aquella potencialidad del rostro del otro, de su desnudez, de la extrema vulnerabilidad humana. Segunda piel que resulta violenta por su presencia

para el modo del éxito, en que sólo cabe el espacio para la excitación desgarrada de toda posibilidad humana. Excitación en este modo reduce a Comercio entre las fronteras de la piel, comercio que no es el Ágora, no es plaza pública sino que un mero balance contable, caja cobradora-pagadora. Segunda piel que nos muestra en nuestro modo, un país que ya no habla de la Nación, ni sus pueblos, sino que ha sustituido por el PIB, ha sustituido la experiencia humana por el Valor Agregado. Somos refugiados de nuestro éxito.

Es por esto que a mi juicio estamos arrojados a lo que Winnicott llamó el Negativo de la Cultura, como un espacio donde lo único que queda es una Cesura entre los individuos, cesura que se basa en la Negativización del sujeto y de lo humano, finalmente utilizando las palabras de Winnicott la negativización del “sentirse real, y vivo”, de acuerdo a esto vivimos en un mundo de individuos adaptados y al borde de la imposibilidad de sentir ya sea la vida o la muerte, la negativización de la cultura.

Referências

- FREUD, S. (1941[1938]). *Conclusiones, ideas, problemas*. Buenos Aires: Editorial Amorrortu, 1976. (Obras completas, 23).
- NANCY, J-L. (2000). *Corpus*. Madrid: Arena Libros, 2003.
- _____. *58 indicios sobre el cuerpo. Extensión del Alma*. Buenos Aires: Edições La Cebra, 2006.
- _____. (2011). *La ciudad a lo lejos*. Buenos Aires: Ed. Manantial, 2013.
- RODMAN, R. *El gesto espontáneo*. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1990.
- ROJAS, R. El lugar en que vivimos, cultura socialización y falso self. *Rev Chilena de Psicoanálisis*, APCH, v. 22(2), p. 108-121, 2005.
- _____. El exceso y la diferencia de los cuerpos, consideraciones hacia una conceptualización de la sexualidad adulta. In: _____. *Sexo y psicoanálisis: una mirada a la intimidad adulta*. Santiago: Pólvora Editorial, 2016.
- WINNICOTT, D. Ego integration. In: _____. *The maturational processes and the facilitating environment*. Londres: Karnac Editores, 1962.
- _____. On the basis for self in body. In: _____. *Psychoanalytic explorations*. Londres: Editorial Karnac, 1970.
- _____. *Playing and reality*. Londres: Ed. Routledge, 1971.
- _____. *Babies and their mothers*. London: Ed. Free Association Books, 1987.